O Romance Candunga e a sua importância no campo histórico e literário: desvendando traços de reminiscências entorno da Estrada de Ferro de Bragança-PA

Bruno Rafael do Amparo Ribeiro\*

DOI: 10.11606/issn.2318-8855.v10i1p383-413

Resumo: O artigo tem como escopo fazer uma discussão acerca de como foram construídos os traços de reminiscências, cuja construção deu-se no espaço temporal da saudosa Estrada de Ferro de Bragança. Assim, busca-se compreender como as memórias históricas cristalizaram-se por meio do cotidiano desses personagens que compõem o romance, os quais eram migrantes nordestinos, fugidos das elevadas secas do Canindé-Ce, com destino a viverem uma nova etapa da vida nas colônias agrícolas bragantinas. Por conseguinte, o arcabouço teórico-metodológico do presente trabalho pauta-se em uma análise historiográfica do romance ficcional Candunga (1954), de autoria de Bruno de Menezes, tendo em vista que a fonte histórica é o principal pilar de nossa temática. A partir dessa fonte é possível fazer um debate entre História e Literatura presentes na obra analisada. Destarte, espera-se atingir os resultados esperados, começando pela busca da valorização dos trabalhos de autores que escrevem sobre a realidade amazônica, para que haja uma problematização em relação à ausência da produção de trabalhos acadêmicos, que permeiam os diálogos entre História e Literatura numa perspectiva regional. Assim, busca-se compreender como esses escritos são importantes para entender as dinâmicas sociais, políticas, econômicas, culturais, e, também, verificar um processo intenso de migração e colonização na Amazônia nesse recorte histórico da década de 1950.

Palavras-chave: Candunga; História e Literatura; Migração; Reminiscências.

<sup>\*</sup> Graduando em Licenciatura em História pela Universidade Federal do Pará. Email: brunnoraffael646@gmail.com



#### Introdução

A temática abordada é de grande valia no campo da História e Literatura. Duas vertentes que o autor Bruno de Menezes priorizou trabalhar em seu Romance Candunga (1954), o qual é de característica ficcional. Porém, o autor busca demonstrar as realidades por meio de denúncias sobre o panorama da situação em que viviam migrantes nordestinos nos núcleos agrícolas da zona bragantina.

Bruno de Menezes vivencia o século XX, sua obra está enquadrada na década de 1950, onde nesse recorte histórico havia uma política de migração e colonização, em que o poder público buscava incentivar muitos a migrarem para a região amazônica, no caso do romance, é abordado essa presença de migrantes que circulavam na Estrada de Ferro de Bragança, ou seja, nesse espaço foram construídas reminiscências e o objetivo de nossa pesquisa é discuti-las tendo por base a análise historiográfica.

O suporte teórico-metodológico do artigo é construído por meio de uma análise historiográfica do Romance Candunga de Bruno de Menezes, em que a fonte histórica é o principal pilar desta pesquisa, por meio dela é possível entrelaçar um debate entre História e Literatura, para então compreender como as reminiscências se construíram em meio às vivências dos personagens da narrativa.

A pesquisa surge de uma inquietação enquanto historiador em formação, tendo em vista que as gerações da atualidade não conhecem de fato as produções históricas e literárias da realidade amazônica, e a obra analisada demonstra o contexto regional da sociedade paraense. O autor, em forma de romance, usa a História e a Literatura como válvula de escape para evidenciar denúncias como:



prostituição, impactos ambientais, regime de "servidão" <sup>1</sup> em consonância da opressão do sistema capitalista e drama dos migrantes nordestinos no Estado do Pará.

O autor Bruno de Menezes acompanha de perto o drama vivenciado por esses migrantes nordestinos em Bragança-Pará. Por conta disso, ele escreve em um contexto histórico delicado. Neste período, o romancista José Américo de Almeida colocava severos atos do Ministério de Viação, período em que os Estados federativos tinham interventores militares, os quais eram nomeados pelo presidente revolucionário, que estava acoplado de poderes discricionários. A esse respeito, Bruno de Menezes que atuava nos setores de migração designado pelo Governo Interventorial procura colocar em xeque os problemas decorrentes da criação de Colônias Agrícolas Modelos (MENEZES, 1993, p.90).

A pesquisa ainda está em andamento, pois, há um caminho extenso para se percorrer em relação ao estímulo da produção de trabalhos que valorizem a região amazônica, sendo necessário esse exercício de escrita e leitura do que já foi produzido por literatos e historiadores paraenses. É importante desconstruir essa visão pautada em escritos de dimensão europeia e focar na realidade em que estamos inseridos, pois a obra de Bruno de Menezes está calcada na história vista de baixo, não desfavorecendo o que se produz na Europa, mas começar a pensar nas possibilidades de ampliar as pesquisas regionais em escala nacional.

\_

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> O termo "servidão" é uma analogia ao período do Feudalismo imbricado na Idade Média, em que os servos são aqueles que trabalham somente para os seus senhores. Essa questão acontecia com os migrantes nordestinos presos aos trabalhos nas colônias agrícolas que serviam "os senhores da terra" como Bruno de Menezes afirmava.



Alguns traços biográficos de Bruno de Menezes e um debate das interfaces entre História e Literatura



Imagem 01: Literato Bruno de Menezes. Fonte: <a href="https://www.escritas.org/pt/bio/bruno-de-menezes">https://www.escritas.org/pt/bio/bruno-de-menezes</a>.

Bento Bruno de Menezes Costa nasceu em Belém do Pará, no Bairro Jurunas, em 21 de março de 1893. Na vida literária adotou o nome civil de Bruno de Menezes. Seus pais chamavam-se Dionísio Cavalcante de Menezes e Maria Balbina Menezes. Bruno de Menezes durante sua vida fez o curso primário no Grupo Escolar de José Veríssimo. No que concerne a sua fase infantil, ele engajou-se como aprendiz de encadernador com seu companheiro de trabalho Tó Teixeira, consequentemente, é nesse espaço da oficina que vemos como Bruno de Menezes adentrou ao mundo da Literatura, debruçando-se na leitura de livros literários que havia no ambiente em que



### O Romance Candunga e a sua importância no campo histórico e literário trabalhava<sup>2</sup>.

No decorrer de sua vida atuou como funcionário público estadual. O próprio exercia a função no Tesouro do Estado e nos decorridos anos atuou na Secretaria de Agricultura. Nesse sentido, podemos ver o apreço de Bruno de Menezes em seguir na linha da doutrina cooperativista. O escritor teve um cargo elevado de Diretor do Departamento Estadual de Cooperativismo. Aposentou-se com o referido cargo em 1955. Deste modo, Bruno de Menezes fez parte da segunda geração modernista paraense, o qual foi iniciado em São Paulo durante a Semana de Arte Moderna, conforme o depoimento de Joaquim, considerado historiador do Modernismo do Norte e do Nordeste, fica entendido que Belém do Pará foi a terceira capital a aderir o Modernismo no Brasil<sup>3</sup>.

Bruno de Menezes publicou um total de seis obras: Poesia; Folclore; Estudo Literário; Ficção, além da produção de dezenas de poesias esparsas e variadas, temáticas sobre a perspectiva do folclore paraense e cooperativismo, os quais foram publicados em jornais e revistas. É necessário aqui salientar que a "modernidade" do caráter de Bruno de Menezes engajava-se com o seu famoso poema Arte Nova, que continha o seguinte verso "Eu quero uma Arte Original", ou seja, o escritor revela o seu anseio por mudanças da renovação da poesia<sup>4</sup>.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> Dados fornecidos pela família de Bruno de Menezes, que por meio dessa singela homenagem destaca algumas notas biográficas sobre a vida do autor, encontrada na página 11 do livro analisado.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> Informações concedidas pela família de Bruno de Menezes, os quais em forma de uma homenagem bibliográfica relatam sobre a vida e obra do autor, conteúdo, também, encontrado na página 11 do livro pesquisado.

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> Dados fornecidos pela família de Bruno de Menezes, por meio desta singela homenagem, mencionando algumas notas biográficas sobre a vida do autor, contida na página 12 do livro analisado e nas considerações feitas por MENDES a respeito de MENEZES, 1993, p.09.



Destaca-se aqui a prosa de ficção, em que Bruno de Menezes escreve Maria Dagmar, Novela (1950), e Candunga, Romance (1954). O romance Candunga como já foi elencado, teve sua publicação em 1954 nas oficinas gráficas de José Hermógenes Barras, este que prestou serviços importantes à cultura paraense. O romance é fruto da realidade amazônica. O autor Bruno de Menezes escolheu no início da produção de sua obra o tema flagelados, mas depois mudou para Candunga, a narrativa está dividida em 23 capítulos envolventes<sup>5</sup>.

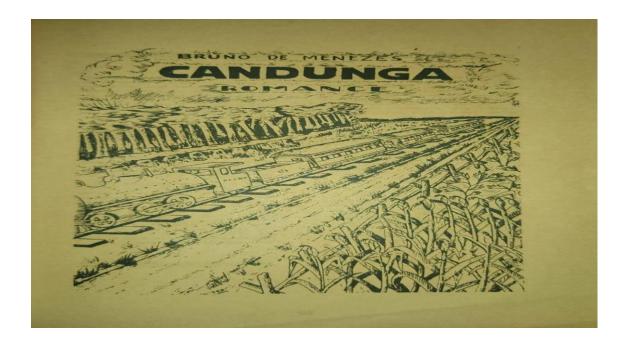


Imagem 02: Capa do Romance Candunga Fonte: Ribeiro, 2021.

A imagem da capa do livro Candunga de Bruno de Menezes é instigante, no sentido de sinalizar para os leitores sobre o contexto histórico desse cenário ficcional, isso é perceptível quando o escritor coloca na capa desenhos do trem que passava ao lado das plantações. Esse dado mostra que a estrada de ferro circulava em frente aos núcleos agrícolas. Além de destacar essa questão, ele designou para o subtítulo da

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Considerações feitas por CHAVES a respeito de MENEZES, 1993, p.16.



obra assim: "Cenas das migrações nordestinas na zona bragantina", colocando na capa uma espécie de impacto visual, para o leitor imaginar como os migrantes nordestinos viviam e construíam técnicas de sobrevivência nesses espaços agrícolas.

O ano de 1920 foi marcado por desdobramentos, no que concerne a militância política e literária que eram características de Bruno de Menezes, tendo em vista a sua experiência com o Anarquismo e a sua inserção no universo das letras, construiuse uma convicção de compreensão da lógica do Modernismo, a qual se pretendia construir na Amazônia. A partir desse evento é possível verificar a presença dos vários grupos de intelectuais presentes no cenário paraense nas primeiras décadas do século XX (FIGUEIREDO, 2019, p.75).

Um adendo a ser salientado aqui, é perceber como a figura de Bruno de Menezes aflorava-se em uma militância política, em uma revolução e na chamada rebeldia estética durante o seu contato com o Anarquismo, o que nos mostra que Bruno de Menezes é um revolucionário, pois lutava contra a opressão de um sistema capitalista.

Os chamados "ismos" invadem o território paraense nos anos de 1920. Nessa efervescência de manifestos artísticos e literários, os quais são identificados de Sindicalismo, Anarquismo, Socialismo e Comunismo, associados ao Ultraísmo e Futurismo. Esses manifestos em seio paraense eram como uma preparação, que culminaria na eclosão do evento paulista em 1922, o qual se chamou de Semana de Arte Moderna, mas é preciso entender que esse evento não criou o Modernismo em território brasileiro, mas o evento ajudou a disseminá-lo (FIGUEIREDO, 2016, p.140).

Quando pretendeu abandonar o verossímil, a fábula foi um dos mecanismos que serviram para fortalecer ainda mais seus laços com a história, fazendo multiplicar



as notações concretas que sustentam a ficção, visto que a própria tem o peso da realidade, o que acarreta na produção de uma ilusão referencial. Na história de Barthez é possível fazer um contraste desse efeito literário, a qual é primordial da forma estética realista, ou seja, a narrativa de Barthez diz que, "ter-estado-aí" das coisas é um princípio suficiente da palavra, no entanto, "ter-estado-aí", significa um "real concreto" (CHARTIER, 2009, p.28). É importante também ampliar a nossa visão quando o autor Roger Chartier demonstra o elo existente entre História, Literatura e a Filosofia na história de Barthez, isto é, essa narrativa tem o mecanismo condutor da verdade que compõe a história.

O autor Machado de Assis desenvolve uma estratégia metodológica de dependentes, um dos princípios de sua arte literária, criando assim, personagens fictícios com vários diálogos. Nesta linha de pensamento temos como exemplo o personagem José Dias, pertencente ao romance do ficcionista Memórias Póstumas de Brás Cubas. A partir da análise da obra, é notável que os narradores parecessem estar expressando somente aquilo que é considerado rigorosamente compatível com as expectativas dos leitores (CHALOUB, 2003, p. 56). Tão importante é a visão de Sidney Chaloub ao analisar a produção literária de Machado de Assis historiador, pois evidencia que ele realiza com sucesso seu objetivo ao dizer verdades sobre o quadro histórico da sociedade brasileira no contexto do século XIX, usando como artifício a História e a Literatura.

A Literatura de certa forma favorece o exercício do historiador, ou seja, por meio da fonte literária o pesquisador do campo historiográfico poderá adentrar ao mundo da ficção, sendo possível enxergar pistas que outras fontes não poderiam lhe complementar, pois essas fontes são de acesso da Literatura (PESAVENTO, 2006, p. 06). Em vista disso, a composição de um texto literário é a base que sustenta o olhar



## O Romance Candunga e a sua importância no campo histórico e literário desse historiador, o que facilita a sua interpretação sobre as fontes literárias.

O historiador busca apontar a veracidade dos fatos tendo por base as fontes documentais, que para ele é como estar em campo seguro, no entanto, o literato se prende em analisar narrativas ficcionais, mas que fique claro que esse literato não tem como objetivo comprovar a veracidade dos fatos, para isso o escritor usa busca incorporar os dados, com o propósito de causar uma sensação de verificação no âmbito ficcional (ANDRADE; SILVA, 2015, p.107). Resumindo, as produções historiográficas e literárias têm seus discursos respaldados no campo da realidade, e também é importante destacar que existem diferenças nas composições do texto histórico e literário.

Quando se planeja fazer um debate interdisciplinar mais aprofundado entre História e Literatura, é necessário estimular a imaginação do historiador, para o mesmo construir caminhos de desenvolvimento da sua criatividade e inovação literária. Dessa forma, esse processo é importante no que concerne a uma desconstrução de um único discurso da historiografia, é necessário que o historiador busque incorporar imagens com consciência e ao mesmo tempo formar um discurso "sem culpa", a partir dessas imagens, para que possa ter um acesso livre na dimensão literária, pois a História pode ser uma ciência, mas também pode ser uma arte (BARROS, 2010, p.20).

O autor José D'Assunção Barros traz reflexões importantes sobre o elo entre a História e a Literatura. Salienta que a Literatura é um campo de estudo que desperta a imaginação e a criatividade do historiador, pois o historiador em seu ofício está imerso no exercício de fontes históricas que buscam uma seriedade, mas ao usar a arte literária é possível inserir uma suavidade com o trato dos fatos.



Um debate historiográfico acerca da Estrada de Ferro de Bragança presente na Obra Candunga

É necessário de antemão fazer um balanço historiográfico acerca de autores que pesquisam sobre a Estrada de Ferro de Bragança. Dessa forma, de maneira alguma impede que se construa aqui um debate em outros anos subsequentes, em que houve projeção de diversos acontecimentos em torno da Estrada de Ferro de Bragança Pará.

O literato Bruno de Menezes em seu Romance Candunga busca centralizar a história da região bragantina no cenário da história do Pará. Nessa perspectiva da Estrada de Ferro de Bragança, apresentava-se imbuída de uma política agrária, que queria legitimar as Colônias Agrícolas Modelos. Em vista disso, para sustentar essa prática colocavam rígidos trabalhos para esses agricultores, sejam os paraenses, sejam os migrantes da nação brasileira e os estrangeiros. É nítido que essa política agrária estava fragilizada, por isso convocava essa mão de obra, como foi o caso da família cearense de Francisco Gonzaga e de outras famílias nordestinas, que foram atraídas pelas propagandas, que visavam atrair um excedente populacional (FELIX, 2016, p.136).

A Estrada de Ferro de Bragança surge durante o período histórico em que se tinha a primitiva Capitania de Álvaro de Sousa, o qual era filho de Gaspar de Sousa. Assim, é válido mencionar que ao instalar a promissora colônia agrícola Benevides, que era fruto de planejamento do Governo da época, isso acarretou em uma necessidade emergente da construção dessa ferrovia, que estava acoplada em dois sentidos pertinentes, o social e o econômico, em que se abriram caminhos proporcionais para fundarem os núcleos agrícolas populacionais, e também acelerar



### O Romance Candunga e a sua importância no campo histórico e literário os interesses desses comércios e da lavoura bragantina (CRUZ, 1995, 64).

É importante entender como a Estrada de Ferro de Bragança foi embrionada, projetada e quais as suas ideologias. Ficam nítidos que os motivos são econômicos, mas também sociais, visto que temos as dinâmicas desses agentes sociais envolvidos nesse processo histórico, que se pretendia, por meio da promissora instalação, criar uma espécie de "válvula" de escoamento para a capital paraense, a qual seria abastecida pelos excedentes agrícolas produzidos na região bragantina. Por esse ângulo, é importante compreender, que a primeira colônia construída foi a colônia Benevides. Construção essa complexa, devido a fatores que comprometeram a demora de sua instalação, como, por exemplo, as matas fechadas e abundantes nessa região que dificultavam a abertura e a demarcação dessas terras.



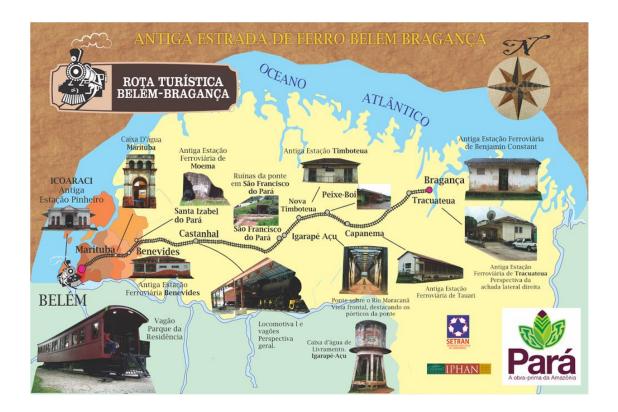


Imagem 03: Mapa da Antiga Estrada de Ferro Belém-Bragança

Fonte: https://rotaturisticabelembraganca.wordpress.com/antiga-estada-de-ferro-belem-braganca/.

A imagem ilustrada é sobre o mapa da Antiga Estrada de Ferro de Bragança, a qual ilustra a rota turística Belém-Bragança. Ela é importante por mostrar como se dava a circulação dessa ferrovia, e como estão as suas estações na atualidade, contemplando todos os aspectos de funcionamento da ferrovia, para entendermos que esses eram os caminhos percorridos pela Estrada de Ferro de Bragança que é o cenário formidável presente na narrativa Candunga de Bruno de Menezes.

O ano de 1883 é um marco significativo que dá início a construção da Estrada de Ferro Belém-Bragança, nesse cenário histórico vivenciava-se, também, a chamada *Belle époque* nessa região paraense, em que estava ocorrendo transformações e embelezamento nos meio urbanos, a idealização se dava aos moldes europeizados,



que tinha como intuito modernizar Belém do Pará. Tudo isso devido à máquina de poder que girava em torno do *boom* da borracha, que foi um fato histórico primordial para compreender a lógica da construção dessa ferrovia (QUARESMA, 2016, p.29).

No recorte temporal de 1883, pode-se compreender como a Estrada de Ferro de Belém-Bragança de fato é construída, e como ela estava imbricada no período da *Belle époque*. Tinha-se nesse período histórico uma elite branca sustentada pelo capital, cuja acumulação dava-se pelo aceleramento da borracha. Nesta perspectiva, é possível compreender a lógica de usar esse dinheiro no processo de transformações urbanas da capital paraense.

Na extensão territorial do Brasil, há uma elevada demanda do chamado capitalismo inglês, permeado no recorte histórico de 1850, em que começa um processo de início das primeiras linhas ferroviárias, que eram pensadas e instaladas por empresas de cunho particular. O Estado paraense importou e usufruiu de uma tecnologia inglesa. Nesse ponto, é importante destacar que nos anos de 1970 do século XIX principia-se o andamento dos projetos e os trechos ferroviários começam a ser de fato idealizado, o que também abriu possibilidades na abertura e expansão da colonização, criação de vilas e zonas agrícolas (RODRIGUES, 2017, p.113).

Diante disso, é necessário entender que as linhas ferroviárias eram arquitetadas aos moldes europeus e o Estado do Pará alimentou-se de certa forma dessa tecnologia. No entanto, essa perspectiva influenciou nos andamentos de projetos que visavam à instalação da ferrovia, a qual prometia ser promissora, no sentido de ramificar a economia em larga escala, abrindo caminhos, colonizando os interiores e alocando migrantes para ser mão de obra nesses assentamentos agrícolas.



Muitos migrantes cearenses vivenciavam um sistema de "servidão" no pleito da região amazônica. Nesse ínterim, é importante que seja entendido que houve no cenário histórico brasileiro uma luta de posse do Acre, em que esses migrantes "convertidos" na figura de seringueiros caiam na teia do aviamento, para assim inserir nesse regime alguns brasileiros e bolivianos atraídos por propagandas forjadas pela mídia, os seringalistas não estavam preocupados com a saúde e remuneração desses trabalhadores, mas, sim, no alcance de seus lucros que eram obtidos pela labuta dessas pessoas na extração do látex, a intenção dos seringalistas era inserir somente os mais aptos para os conflitos neste período de posse do Acre (KLEIN, 2018, p.158-159).

Esse ato da elite seringalista foi radical, pois isso era uma prática que não valorizava o trabalhador enquanto ser humano, como se fosse uma armadilha que aprisionava esses migrantes, que além de trabalharem nos seringais, era colocado para atuar nos conflitos. É válido pontuar, dentro desse contexto, que no momento de escolher pessoas para ficarem na linha de frente dos combates, era feita uma espécie de seleção. A escolha era feita tendo por base em colocar indivíduos que não apresentassem doenças e defeitos físicos, para que eles ficassem nos combates e os que apresentassem qualquer dano físico ficavam somente na extração do látex.

É pertinente também salientar essa relação da Estrada de Ferro de Bragança no Governo de Augusto Montenegro que administrava o Estado do Pará.

Foi no último ano do governo de Augusto Montenegro que as obras da ferrovia avançaram com maior velocidade na direção de Bragança, alcançando a cidade em abril de 1908 e inaugurada em maio do mesmo ano. Estava concluído o eixo de convergência ao qual ligavam os núcleos populacionais existentes na zona de produção de alimentos para o abastecimento da capital e seus seringais. Tais núcleos correspondem aos resultados das tentativas de



instalação de colônias agrícolas com a introdução de imigrantes estrangeiros, além daqueles núcleos historicamente erguidos com vistas ao desenvolvimento dos empreendimentos coloniais. Todavia, era de origem nordestina e paraense a maior parte dos trabalhadores localizados nas colônias criadas para a instalação dos europeus (LEANDRO; SILVA, 2013, p.21).

O Governo de Augusto Montenegro permitiu que as obras da ferrovia fossem disseminadas em rápido tempo na cidade de Bragança. Essa conquista deu-se em abril de 1908, isso foi uma inovação, pois se inaugurou um eixo que permitia a interligação entre os núcleos coloniais, de um lado a Bragança, cidade que fazia o abastecimento da capital paraense e que fazia o abastecimento aos seringais. Esse processo é fruto de planejamentos anteriores que pretendiam instalar colônias agrícolas, objetivando colocar nesses núcleos imigrantes estrangeiros, mas a grande maioria de trabalhadores eram de migrantes nordestinos e paraenses.

Havia, durante esse contexto da década de 1950, um projeto de colonização complexo para ser inserido nas terras da Amazônia. No entanto, havia a problemática que era a falta de mão de obra para ocupar esses espaços. Desta maneira, traziam-se levas de trabalhadores nordestinos, os quais habitavam os núcleos coloniais dos Estados do Pará e do Amazonas. É válido ressaltar que não havia preocupação com o meio ambiente, o que ocasionou em grandes impactos ambientais (FELIX, 2016, p.56).

Em detrimento de um projeto colonizador, pode-se perceber que a estrada de ferro não estava calcada somente na questão política, econômica e social, mas também na questão ambiental. A natureza nesse cenário não foi valorizada e seus recursos começaram a se esgotar. Faz-se necessário compreender que nesse período do século XIX e da primeira metade do século XX esse jogo de atores políticos com projetos direcionados para expansão capitalista, que tinha como alvo braços de trabalhadores nordestinos, que não conheciam a fauna e flora da Amazônia.



#### As principais reminiscências desvendadas no Romance Candunga

Para compreender a forma como as reminiscências foram construídas através das vivências dos personagens do Romance, analisado nesses espaços das colônias agrícolas, pode-se aqui delimitar três principais reminiscências encontradas durante a leitura do Romance estudado, que no decorrer da temática serão discutidas. Deste modo, é importante conhecer as características peculiares de cada personagem.

Francisco Gonzaga é um cearense de 60 anos de idade e é padrinho de Antônio Candunga. Já o personagem Antônio Candunga é afilhado de Francisco Gonzaga, que é considerado o "herói" do romance. A personagem Tereza Rosa, é uma jovem mãe, casada com Francisco Gonzaga, os quais tiveram duas filhas chamadas Ana e Josefa, duas moças que atraíam olhares devido aos seus traços de beleza da mulher nordestina.

A personagem Maria Assunção é a agregada da família, a qual ficou morando com eles devido ao falecimento de sua mãe. Assunção passou a ser considerado como membro da família, algo que a impulsionou a migrar para o Pará. João Deodato é um personagem que durante a narrativa vai guiar a família cearense em direção aos lotes agrícolas. No entanto, também existiam os personagens que diziam serem chefes das colônias agrícolas, estes são comerciantes, os quais detinham controle sobre o monopólio comercial desses espaços agrícolas, esses personagens eram João Portuga, Salomão Abdala e Minervino Piauí.

O personagem Romário Sérgio, alcunhado de Doutor Romário, era formado em Engenharia Agrônoma, foi chefiado para fiscalizar o núcleo colonial agrícola. Em vista disso, pode-se afirmar que o personagem representa os anseios de Bruno de Menezes na luta contra o sistema capitalista opressor. Finalizando a descrição acerca



dos personagens principais da narrativa, também existia a personagem Rosinha, cuja história está pautada em negociações com João Portuga, nessa prática de inserção de trabalhos com prostituições.

No que concerne o campo temático da memória, é importante pontuar como a memória se consolida através dos habitantes de uma cidade, para assim, perceberem em seus aspectos físicos sobre a construção de experiências de vida, as passagens na cidade, os passeios, as idas às feiras da cidade, dentre outras vivências (ORIÁ, 1997, p. 139). Assim sendo, essa memória é um fator revelador a respeito dessa sucessão das gerações passadas com sua temporalidade histórica, sem esses fatores a população urbana não conseguirá compreender o fundo histórico do ambiente citadino, ou seja, entender como esses espaços urbanos foram construídos pelos seres humanos.

A memória se constrói também na estrutura familiar durante a fase importante da vida que é a infância. Na casa dos recém-casados, por exemplo, os traços de memórias são analisados ao visualizar o número de janelas, as quais dão de frente para o movimento das ruas. Na conversa em frente da casa que ultrapassava o horário de dormir, pois não existia aquela preocupação com o isolamento social. Por conta dos constantes assaltos, às famílias preocupam-se em colocar cercas elétricas nos muros para preservar a sua privacidade (BOSI, 2010, p.436). A memória também é desenvolvida no quintal da casa, em que as crianças brincam e divertem-se, um espaço de lembranças que vem à tona na velhice, a história oral é um mecanismo que pode revelar, por meio das falas dos anciãos os tipos de brincadeiras no espaço do quintal.

Diante do exposto, é interessante levar em consideração que a cidade em seus espaços detém memórias históricas, ou seja, tanto a história como a memória se



configuram como uma narrativa do passado que se reflete em sua ausência, reconfigurando uma temporalidade que foi escoada, nesse sentido, é importante salientar que o passado não é irrecuperável, onde através do campo imaginário se faz presente ao espírito, nessa leitura de verificação dos discursos e imagens (PESAVENTO, 2008, p.04). Portanto, a cidade é permeada pela história e memória, sendo sempre ponto de referência, pois se algum espaço da cidade sofrer degradação, ele deixa as marcas reprodutoras de identidades.

Muitos cearenses em Canindé-CE estavam enfrentando elevadas secas, não se plantava mais nada, a falta de água era a grande problemática. Portanto, a família de Candunga, sonhava em conhecer o Pará, para mudar suas vidas. Eles tinham o apoio da Prefeitura Municipal e embarcam em direção ao porto de Belém, os mesmos conhecem as mangueiras de Belém que sombreiam a cidade, observam a negritude do céu que anunciava a formação das fortes chuvas, mas seu destino de trabalho localizava-se em Bragança-PA.

O destino de trabalhos dos migrantes nordestinos estava nos núcleos coloniais da zona bragantina. Nesse sentido, essas famílias pegaram a locomotiva "Peixe-Boi", uma das linhas férreas que circulava entre os interiores até a capital paraense. Esta, que compõe o expresso, levou os novos labutadores para trabalhar na prática de agricultura na zona bragantina. O trem a todo vapor seguiu viagem até chegar à noite, em que o maquinista fez a parada para o descanso, para poder receber a lenha, tomar água e descarregar os retirantes (MENEZES, 1993, p.109).

Nota-se durante o desenvolver da narrativa um sofrimento enfrentado por esses migrantes, carregando lenha em plena chuva para os vagões, no entanto, o maquinista ofereceu um agrado para quem se dispusesse a carregar as lenhas, foi



nesse episódio que quase Candunga falece, pois surgiu um obstáculo, o qual adveio da chuva, momento em que os personagens caíram e voltaram somente com a roupa do corpo, então passando a noite cansativa, é que a prole de Candunga chegou aos terrenos bragantinos.

Parecia que esses personagens do enredo estavam perdidos em relação ao seu destino de trabalho. Isso é perceptível com o personagem Gonzaga, pois ele não sabia a localização do sítio em que estava. Em seu pensamento estava o nome Bragança, onde se tinha uma miragem dos migrantes nordestinos, respondia que queria trabalhar nesse local, o mesmo ainda relembra o seu cotidiano de vida, que ele chamava de agreste Canindé, local em que praticava a agricultura e relembrava muitas atribulações vividas em Canindé (MENEZES, 1993, p.115). Concernente a isso, pode-se perceber que nesses espaços, muitos nordestinos estavam perdidos, por estarem em uma região que não tinham conhecimento de como era a dinâmica da cidade de Bragança-PA.

Sendo assim, esses migrantes recém-chegados começaram a conhecer a vila bragantina e os ditos "coronéis" João Portuga, Salomão Abdala e Minervino Piauí, que monopolizavam a economia do povoado. Para sobreviverem os trabalhadores abriram créditos com os "donos" das colônias e a garantia de pagamento em seus comércios seria as produções agrícolas dos seus roçados, isso fez com que houvesse garantia da sobrevivência da família de Gonzaga (MENEZES, 1993, p. 115).

Francisco Gonzaga e Antônio Candunga, sem saber, são submetidos a uma espécie de "servidão", para atender aos anseios dos "coronéis", pois em troca da colheita não iriam receber salários, apenas iriam pagar suas contas, tendo em vistas que os comerciantes tinham um caderno específico com as parcelas de dívidas desses



colonos e da família de Gonzaga, que só se multiplicavam, pois fica evidente que na hora da colheita quem faz os preços são esses comerciantes.

O lote agrícola que foi direcionado para os trabalhos da família de Gonzaga eram antigos terrenos já ocupados, era difícil para eles, pois ficava distante da vila em que sua família estava instalada, tinham ferramentas desproporcionais para um trabalho rigoroso (MENEZES, 1993, p.119). Francisco Gonzaga e Candunga estavam trabalhando para suprir as necessidades, principalmente, a alimentação. Pois eram responsáveis pelo sustento de sua família, de sua esposa Tereza Rosa, suas filhas Ana e Josefa e a agregada da família.

Nesse cenário narrativo pode-se falar de uma reminiscência desvendada que foi a questão dos impactos ambientais, em consonância da abertura de matas e queimadas para introdução da plantação agrícola, esses migrantes precisavam dessa troca de negociações com os comerciantes para, então, sobreviverem na zona bragantina, como o literato Bruno de Menezes destaca:

Acamada e seca a derrubada, os dois retirantes, desvairados na sua ambição, descuidam-se na abertura de aceiros, para evitar o contacto das chamas com a mataria circunvizinha. E no dia em que, como trágicos demônios, pegam fogo no roçado, não têm a preocupação de "cercar" o fogaréu (MENEZES, 1993, p.120).

Bruno de Menezes aborda uma reminiscência, a qual foi à questão do impacto ambiental ocasionada no terreno agrícola, que estava na responsabilidade de Candunga e Gonzaga. O local serviria para plantarem suas roças, para assim pagar as suas dívidas no comércio de João Portuga. Assim, neste contexto, o inesperado acontece. O lote agrícola é tomado pelas bravas chamas do fogo, a causa do incêndio



foi porque esses cearenses não tiveram preocupação em impedir que o fogo se espalhasse aos arredores.

Os personagens Candunga e Gonzaga depararam-se com as chamas que se alastravam. A notícia logo chegou ao povoado da vila bragantina, era um risco porque o fogo poderia incendiar os lotes circunvizinhos, esses personagens não sabiam apagar de uma vez o fogo, as pessoas que presenciaram essa situação não tinham ação, os mesmos começaram a rezar para Deus mandar um manancial de chuvas iguais ao que eles presenciaram na chegada à cidade de Belém, olhando para o ponto escuro no céu, vêem que o fogo não é um castigo divino, e suas preces pareciam ter surtido efeitos, pois de repente cai um manancial de água que apaga o intenso fogo (MENEZES, 1993, p.121-122).

Esse episódio de queimadas foi causado por migrantes cearenses agricultores, no caso, Francisco Gonzaga e Antônio Candunga que estavam se preparando para plantar as culturas do milho, feijão, arroz, dentre outros. É válido lembrar que eles residiam no terreno agrícola, enquanto Ana, Josefa, Tereza e Assunção residiam na vila. Em certa ocasião, Gonzaga pede para Candunga buscá-las, apesar de Ana e Josefa não estarem satisfeitas com o trabalho pesado no roçado.

Portanto, durante a época de safra dos produtos agrícolas, o personagem João Portuga resolve vistoriar as terras de Gonzaga, com a intenção de encontrar as moças sozinhas, já que conhecia os hábitos rurais dos trabalhadores nordestinos, ao chegar à alocação onde estavam as moças, ele bate palmas e quando as enxerga começa a lançar propostas para elas voltarem para a vila, afirmando que as formas físicas das moças estavam diferentes e que na vila elas estavam com uma boa aparência (MENEZES, 1993, p.127).



Quando o personagem João Portuga alcança seu objetivo de levar as filhas de Francisco Gonzaga para residir em sua casa na vila bragantina, essa insistência por parte desse personagem revela o lado obscuro da prostituição que as moças jovens estão adentrando, não somente Ana e Josefa, mas também muitas mulheres que entram nesse mundo, muitas vezes, pelas propostas de dinheiros, como Bruno de Menezes destaca essa questão logo abaixo:

Certa noite de bródio alegre, numa pensão mundana, das tantas que fazem a vida noturna de Belém, a dona da casa, que sabia como Portuga aumentava o dinheiro, do prestígio que desfrutava entre os funcionários e repartições fiscalizadoras, quer da União, do Estado ou do Município, muitos deles participantes habituais de suas terras, Rosinha resolve propor-lhe um negócio. Vez em quando, ela viajava para a Estrada de Ferro de Bragança, no seu comércio de conseguir "pequenas novas" para sortir a pensão. Preferia as do interior, porque constituíam "novidades" para os freguezes já pouco entusiasmados pelas raparigas que vinham de outros Estados, muito "artistas" e profissionalizadas (MENEZES, 1993, p.150).

Mediante a isso, Bruno de Menezes destaca a personagem Rosinha, que é caracterizada no romance como uma mulher formosa, envolta de jóias, tendo uma vida de luxúria em Belém do Pará. Rosinha deslocava-se de Belém para o interior bragantino, atrás de moças que viviam nos núcleos coloniais para serem objetos de prostituição em Belém. Sendo assim, Rosinha abre um diálogo com Portuga, para ele utilizar a mesma tática que ela usava na capital paraense, com objetivo de atrair muitos clientes em seu estabelecimento.

Para a atração da clientela a personagem Rosinha modifica o ambiente da pensão de João Portuga, que manda vasculhar e limpar esse espaço, também dispõe de forma diferente a cama e outros móveis. No cenário dos quartos da pensão começa a colocar certos retratos de artistas e famosos, como uma espécie de um



# O Romance Candunga e a sua importância no campo histórico e literário cinema libertino, tudo se transforma em um quarto alegre e convidativo, diferente daquela pensão escura e abafada (MENEZES, 1993, p.152).

É notável que a personagem Rosinha para atrair clientes para a pensão de João Portuga, traz toda sua experiência adquirida com o trabalho que teve na capital paraense. Percebe-se que a palavra prostituição é pouco mencionada, talvez Bruno de Menezes visse que era um tema muito forte, e por isso usa a ficção e um jeito descontraído para escancarar essa problemática social.

No capítulo XI o literato Bruno de Menezes mostra que Gonzaga tenta trazer suas filhas de volta para o convívio familiar. Pois elas estavam presas nesse ambiente de sedução e prostituição. Sendo assim, a condutora dos negócios que era a personagem Rosinha tenta impedir que as moças cearenses voltem para os roçados, já que havia certos tropeiros interessados nas moças dessa zona bragantina. Muitas vezes, recebiam presentes de seus admiradores, como por exemplo, vidrinhos de extratos baratos, latinhas de vaselina perfumadas, pulseiras de metal falsificado, brincos de ouros verdadeiros, como também Salomão Abdala ofereceu lenços cor de rosa, com flores azuis nas pontas e um casal de pombinhos se beijando para as jovens cearenses (MENEZES, 1993, p.183).

Importante perceber a lógica da prostituição nesses espaços agrícolas, que de acordo com Bruno de Menezes, os tropeiros ofereciam muitos presentes, fatores que impulsionam muitas mulheres a se prostituirem, muitas vezes, algumas não escolhem por opção, mas por serem de baixa renda, encarando, assim, esse ramo da prostituição. Bruno de Menezes denuncia essa questão, que apesar de não ser crime, é uma exploração sexual, o qual ocorria de forma intensa nessas colônias agrícolas.

Outra reminiscência desvendada por meio da leitura do romance é sobre o



regime de "servidão", que foi acoplado pelos interesses capitalistas em explorar, de certa forma, a mão de obra de trabalhadores nessas colônias agrícolas, Bruno de Menezes coloca essa situação em seu escrito, apresentando um personagem peculiar chamado Romário Sérgio que é agrônomo. Ele luta contra as artimanhas desses comerciantes que diziam ser donos desses terrenos, a fiscalização de Romário Sérgio provocou um intenso conflito com os mesmos que não aceitam as fiscalizações exercidas pelo agrônomo.

O personagem Romário Sérgio entra em cena para fiscalizar os núcleos agrícolas, o próprio contou com alguns homens a seu serviço, como o apoio do prefeito e do setor administrativo da agricultura. João Portuga com seus parceiros vão até o prefeito para tentarem enviar um telegrama a um líder da política do Estado, com o objetivo de difamar o agrônomo. Criando assim, uma situação que retirasse esse profissional do seu posto de fiscal. Sua intenção era acabar com o procedimento marcado pra fazerem a demarcação da colônia e essa distribuição dos lotes aos colonos, pois, sabiam que iriam perder prestígio no controle desses terrenos que não eram de seus direitos, muito menos legalizados (MENEZES, 1993, p.141).

Em vista disso, pode-se dizer que a figura de Romário Sérgio representa a resistência da luta contra a política de migração e colonização, os quais projetavam falsas propagandas de atração dessa massa de nordestinos. Ao saírem de suas terras natais, essa população estava ciente que teria direito a terra e salários para mudança de suas vidas, só que na leitura do romance vê-se outra realidade. Vê-se um povo oprimido e explorado pelos "coronéis" que representam uma elite.

No capítulo IV nota-se que a plantação agrícola está fluindo como o esperado, o arroz amarelando os cachos, o extenso milharal com as espigas fartas, o mandiocal



com esperança de farturas, o jerimum, o maxixe e a batata doce, segundo Bruno de Menezes, não iria demorar a ser colhido, o mês de maio era o período de colheita desses produtos agrícolas (MENEZES, 1993, p.145). Por esses e outros motivos, a leitura do Romance Candunga é tão interessante, pois faz envolver-nos nesse cenário, principalmente, compreender quais eram os produtos agrícolas tradicionais que eram produzidos em Bragança e escoados para a capital paraense.

Romário Sérgio em suas inspeções mostrava como os colonos deviam agir contra os grandes comerciantes, tanto é que João Portuga, Salomão Abdala, e os agentes da capital não se conformam. Romário Sérgio dizia aos agricultores sobre as vantagens da valorização da safra e a suposta oportunidade de abandono. Daí por diante, as transações que envolvem a troca, vai dar uma noção para selecionar de maneira adequada as sementes, e poderão plantar sem pagar ou devolver algo a ninguém, alguns cedem à proposta do engenheiro, já outros ficam com dúvidas, como foi o caso de Gonzaga, mas a proposta do engenheiro é relevante, já que, iriam parar com entregas nos comércios desses comerciantes (MENEZES, 1993, p.157).

No decorrer da narrativa, Gonzaga aceita as propostas de Romário Sérgio. Diante disso, eles encontram uma forma para os comerciantes não terem acesso à colheita. Eles, também, avisam Candunga para ficarem atentos na barraca com rifles e cavalos, para não invadirem a propriedade. No capítulo VIII João Portuga e seus parceiros capitalistas, veem que não é fácil lutar contra Romário Sérgio, então planejam tirar a vida de Candunga, para acabar com a parceria estabelecida com o engenheiro (MENEZES, 1993, p.163-165).

Portanto, estes coronéis analisam todo o cotidiano vendo que Candunga e seus companheiros vigiavam a propriedade noite e dia e que Gonzaga fazia companhia



para a mulher e sua cunhada quando anoitecia e seguia para a palhoça em que viviam, sendo assim, Candunga e seus companheiros ouvem os passos dos assaltantes (MENEZES, 1993, p. 166). Resumindo, há uma sequência de tiros, as mulheres escutam esses tiros e deduzem que seja onde Candunga está em seu posto de serviço e Gonzaga vai às pressas ver como está seu afilhado. O tiroteio incessante deixa as mulheres atônitas, Minervino Piauí quer gastar todas as balas, mas sai em retirada e vai se esconder. Diante de toda a confusão, Candunga sai intacto e espera as atribuições de Romário Sérgio sobre o ocorrido (MENEZES, 1993, p.167-168).

No capítulo X podemos ver que a resolução feita por Romário Sérgio para os comerciantes responsabilizarem-se pelo ocorrido, essa notícia é veiculada dentro do povoado, percebe-se que uns ficaram do lado de Romário Sérgio, já outros começavam a criticá-lo, ficando do lado dos salteadores João Portuga e Minervino que segundo eles poderiam mandar nos assentamentos agrícolas (MENEZES, 1993, p. 175). Concernente a isso, fica claro que esses "coronéis" sabiam estavam agindo com imprudência, pois na verdade não seguiam as normas estabelecidas, não tinham direitos nos lotes agrícolas e que os mesmos buscavam sujeitar os migrantes nordestinos na exploração de sua mão de obra.

No capítulo XII, Bruno de Menezes mostra como os dias se passavam para João Portuga, Minervino e seus comparsas no decorrer dos dias referentes à tentativa de homicídio contra a vida de Cadunga. Esses sujeitos supracitados estavam presos no chamado Presídio São José, esses comerciantes eram influentes na economia e na política, conseguiram advogados para seus "habeas-corpus", os mesmos conseguem pagar as suas fianças. Nesse linear, é notável a fragilidade do sistema de governo, já que João Portuga e Minervino Piauí para saírem da prisão pagam suas fianças e de outros coronéis que estavam reclusos. Tudo isso em um jogo político calcado em



# O Romance Candunga e a sua importância no campo histórico e literário interesses, pois esses "coronéis" além de pagarem a fiança buscavam trazer eleitores para fazer contribuições de votos num futuro Partido (MENEZES, 1993, p.91).

Como se observou soltaram os comerciantes com as trocas de favores, o que demonstra a fragilidade da justiça federal. Esta é uma questão denunciada por Bruno de Menezes, a qual se perpetua nos dias atuais. De forma que a impunidade dos setores que deveriam colocar rígidas leis na região, fazem com que essas famílias nordestinas fiquem injustiçadas, mas Bruno de Menezes escancara essa realidade por meio da ficção para suavizar os fatos ditos problemáticos.

O romance é extenso e são muitas as reminiscências construídas em torno dos núcleos coloniais da Estrada de Ferro de Bragança. Muitas experiências nos trilhos de uma estrada que era efervescente. Romário Sérgio e os colonos têm suas vitórias, se livram das "garras" desses "coronéis", e tem-se a união matrimonial de Assunção com Candunga. Desta maneira, o personagem passa a ter seu próprio ambiente familiar, vivendo no próspero núcleo colonial, onde tudo se transformou. Os colonos agora possuem seus documentos das terras legalizadas, não há lote sem uma barraca regularmente acabada. O núcleo desenvolve-se, como a instalação de postos de saúde, com médicos, enfermeiras, medicamentos, tem também a Escola Reunida com professoras rurais que lecionam para as crianças que vivem no núcleo, além de expansão dos comércios (MENEZES, 1993, 235-236). E a nova colônia pensada por Romário Sérgio levou o nome de Novo Porvir, por causa dos sonhos sempre se realizarem e tendo a esperança de mudanças como tiveram a família de Candunga e dos migrantes cearenses (MENEZES, 1993, p.239).

Até aqui pode-se dizer que a pesquisa se dedicou em apresentar três memórias históricas: A prostituição, os impactos ambientais e o regime de "servidão"



sobre os migrantes nordestinos nos assentamentos agrícolas entorno da Estrada de Ferro de Bragança. Com a leitura do romance, pode-se desvendar essas reminiscências. Levando em consideração que a leitura e interpretação são aspectos que cada indivíduo pode identificar.

#### Conclusão

Em vista dos argumentos apresentados durante o desenvolvimento do presente artigo, pode-se dizer que a análise historiográfica construída acerca do Romance Candunga foi imprescindível. Ao fazer o manuseio da fonte histórica, que é o principal pilar de nossa temática, foi possível fazer um debate das interfaces entre História e Literatura, as quais são dois campos de estudos explorados pelo literato Bruno de Menezes em sua obra.

Em virtude desse paralelo foi possível desvendar numa forma de mistério, igualmente, quando se acha algum tesouro perdido, alguns traços de reminiscências vividas por essas famílias nordestinas, representadas pela família cearense de Francisco Gonzaga.

Pontua-se que as reminiscências apresentam-se como a questão problema da pesquisa, verificando-se que o objetivo da temática foi alcançado, pois, esses traços de memórias históricas foram discutidos com base na análise historiográfica.

A pesquisa acadêmica ainda está em processo de desenvolvimento, pois, como já foi salientado, há um grande caminho a percorrer no sentido de construir trabalhos e escritos acerca das pesquisas de autores próprios do Estado do Pará, e a obra de Bruno de Menezes chamada Candunga é um escrito próprio da realidade paraense, o qual foi produzido durante a década de 1950, e que nos revelam muitas denúncias dentro do campo social.



Concernente a isso, a ficção dentro da corrente literária, aliada a fonte histórica serviu de "suavidade" para escancarar essas problemáticas, as quais se atenuavam no eixo ferroviário de Bragança-PA. Dentro dessas colônias agrícolas em que imperavam os anseios capitalistas, calcados em uma política de migração e colonização, que tentavam "enriquecer" à custa do trabalho desses migrantes nordestinos.

Ademais, por se tratar de uma pesquisa referente a um escrito da realidade do Estado paraense, espera-se como resultados até aqui alcançados, que se abra um leque de novas possibilidades de produção de trabalhos de graduandos, pósgraduandos e futuros pesquisadores para buscarem escreverem sobre a História e Literatura numa perspectiva regional, principalmente, em pesquisar sobre o Romance Candunga que tem um cerne de questões fundamentais a serem pesquisadas e problematizadas. Tendo em vista que há essa ausência da produção dos trabalhos dentro do âmbito acadêmico, com lacunas que precisam ser preenchidas por meio do exercício de pesquisar.

#### Referências bibliográficas:

ANDRADE, Celeste Maria Pacheco; SILVA, Thaíse Araújo da. Viva o povo brasileiro: interfaces entre literatura e história. Litterata: Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões, v.5, n.2, p. 105-121, 2015.

BARROS, José D' Assunção. História e Literatura - novas relações para os novos tempos. **Revista de artes e humanidades**, n.6, 2010.

BOSI, Eclea. Os espaços da memória. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª ed., 2010.

CHALOUB, Sidney. Machado de Assis historiador. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CHARTIER, Roger. **A História ou a leitura do tempo**. Tradução: Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. Original em francês - 2007.



CRUZ, Ernesto Horácio da. **A Estrada de Ferro de Bragança:** visão econômica e política. Superintendência do Plano e Valorização Econômica da Amazônia, Sector de Coordenação e Divulgação, 1955.

FELIX, Renan Brigido Nascimento. "Novo porvir": literatura e cooperativismo em Candunga e outros escritos de Bruno de Menezes. 2016. 234 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Belém, 2016. Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia.

FIGUEIREDO, Aldrin Moura de. RUBRA POESIA - Bruno de Menezes, anarquista, 1913 - 1923. **Asas da Palavra**, v.10, p. 69-77, 2019.

\_\_\_\_\_. De pinceis e letras: Os manifestos literários e visuais no modernismo amazônico na década de 1920. **Revista Territórios & Fronteiras**, Cuiabá, v.9, n.2, jul. - dez. 2016.

KLEIN, Daniel da Silva. Quando os seringueiros falam: o trabalho nos seringais e convocações para os combates pela posse do Acre no início do século XX. **Territórios e Fronteiras**, v. 11, n. 2, p.152-162, 2018.

LEANDRO, Leonardo Milanez de Lima; SILVA, Fábio Carlos da. A estrada de ferro de Bragança e a colonização da zona bragantina no estado do Pará. **Novos Cadernos NAEA**, v.15, n.2, 2012.

MENEZES, Bruno de. **Obras Completas de Bruno de Menezes**. Belém: Secretária Estadual de Cultura: Conselho Estadual de Cultura, 1993.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de História. In: BITTENCOURT, Circe (Org.). **O saber histórico na sala de aula**, 11 ed. São Paulo: Contexto, 2009. p.128-148.

PESAVENTO, Sandra Jatahy et al. **História & literatura:** uma velha-nova história. Nuevo mundo mundos nuevos, n. 6-2006, 2006.

\_\_\_\_\_. **História, memória e centralidade Urbana**. Revista Mosaico-Revista de História, v. 1, n. 1, p. 3-12, 2008.

QUARESMA, Luís Augusto Barbosa. **A Estrada de Ferro Belém-Bragança:** para além da Integração (1901 - 1908). 2016, 69 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História). Universidade da Amazônia, 2016.

RODRIGUES, Dário Benedito. Ao apito do trem: uma história da extinta Estrada de



Ferro de Bragança. In: SARUIS, Blanco Giovanni (Org.). **Estrada de Ferro de Bragança:** memória social e patrimônio cultural: coletânea de artigos. Belém: IPHAN-PA, 2017. p. 111-124.